

Brasil crescerá 4% em 2007, prevê FMI

As perspectivas de crescimento econômico do Brasil em 2007 são melhores do que as deste ano, segundo previsão divulgada ontem pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). De acordo com as estimativas da entidade, o Brasil crescerá 3,2% em 2006 e 4% no ano que vem; ligeiramente abaixo da média de toda a América Latina, que será de 4,25% em 2007. Enquanto isso, a inflação brasileira baixaria de 4,2% para 3,4%, segundo o informe "Perspectivas Econômicas Regionais" para o Hemisfério Ocidental.

Outro índice positivo é o referente aos gastos atuais do governo do Brasil, que têm diminuído. Eles haviam crescido 6,6% no ano passado e em 2006 deverão ter um aumento menor: 5%. O documento do FMI ressalta ainda a redução da pobreza no país. Ela caiu de 28% em 2003 para 23% em 2005, "com a renda de 50% das pessoas mais pobres da população crescendo mais do que duas vezes mais rapidamente do que a dos 10% mais ricos", diz um trecho do documento. Pobre, para o FMI, é quem sobrevive com menos de dois dólares diários. Segundo os responsáveis pelo Bolsa Família, o programa — que, como registra o Fundo, "atingirá 11,2 milhões de famílias no final de 2006, contra 6,7 milhões em 2004" — conseguiu elevar o patamar de renda dos pobres para R\$ 61 mensais, acabando com a pobreza absoluta.

De acordo com o FMI, a região da América Latina e do Caribe crescerá 4,3% em 2007, após uma expansão de 4,8% neste ano, a maior das últimas décadas. No

entanto, há riscos de desaceleração no futuro por causa do desaquecimento da economia dos Estados Unidos. Para o organismo multilateral, as projeções da região "continuam sólidas", dentro de um contexto "ainda favorável" da economia mundial, que crescerá cerca de 5% no próximo ano. Além disso, o FMI cita como eventuais fatores de preocupação para a região "o endurecimento imprevisto dos mercados financeiros mundiais e a volatilidade dos preços dos produtos básicos".

Insistindo na necessidade das reformas econômicas para "consolidar a estabilidade macroeconômica e aumentar o crescimento", o FMI recomenda combater a "acentuada desigualdade" na América Latina, a região com mais desigualdade social do mundo. "Para assegurar a estabilidade macroeconômica, aumentar o crescimento e aproximar os países regionais ao grau de investimento, seus programas de reforma devem enfrentar as causas históricas das crises na região, inclusive a desigualdade", recomenda a instituição. "Com mais igualdade e estabilidade, as perspectivas para manter a expansão atual serão melhores", destaca a instituição financeira.

"Essas reformas devem ser combinadas com maiores esforços para tornar as economias da América Latina mais abertas e competitivas, com instituições mais fortes, tornando as economias mais vibrantes", reforça o FMI, referindo-se às políticas de mercado que fracassaram na maioria dos países latino-americanos nos anos 90.